

## **O IMPACTO DAS COSMOVISÕES NA EDUCAÇÃO: em busca do(s) sentido(s)**

*Gleyds Silva Domingues<sup>1</sup>*

### RESUMO

A proposta deste ensaio é apresentar os impactos das cosmovisões na formação humana, a partir da instrumentalização de uma prática educativa. Sabe-se que uma cosmovisão pode ser conceituada como um sistema de valores e crenças que expressa a forma como as sociedades definem sua identidade. Essa identidade torna-se a marca constitutiva de uma cultura, sendo essa alvo de estudos e pesquisas que irão delinear os jeitos de ser, dizer, agir e fazer dos grupos sociais que são englobados e pertencentes a esta cultura. Nesse entendimento, procurou-se apresentar as características de duas cosmovisões presentes na realidade social: secularista e teísta. A partir das suas características fez-se uma breve exposição do papel da educação, no sentido de fomentar novas discussões e reflexões sobre esta temática. Não se tem a intenção de esgotar o assunto, mas lançar luzes sobre como a compreensão destes sistemas pode de fato possibilitar entender como as mentalidades são formadas e o grande desafio que se tem no processo de formação das novas gerações. Eis a missão e o sentido deste texto.

**Palavras-chaves:** Cosmovisões. Educação. Sentidos.

---

<sup>1</sup> A autora é mestre em Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST e bolsista da CAPES. É professora da Faculdade Teológica Batista do Paraná. E-mail: gleyds@ftbp.com.br

## ABSTRACT

The purpose of this work is to present the impact of world-view on human development from an educational perspective. We know that world-view can be conceptualized by a system of values and beliefs that express how societies define their identity. This identity becomes the mark which constitutes a culture; thus, the goal of this study and research will be to delineate who we are, what we say, how we act and what we do in social groupings which compose and belong within a culture. It is with this understanding that the author attempts to present the characteristics of two world-views which are present in our social reality: that of the secularist and of the theist. From these characteristics the author will draw some conclusions as to the role of the educator, as related to promoting new discussions and reflexions upon this theme. This piece is not intended to look exhaustively at the subject, but rather to shine a light upon how the understanding of these systems can, in fact, enable one to understand how mentalities (beliefs) are formed and the great challenge in the process of training the new generation. This is the goal and focus of this article.

**Keywords:** World-vision. Education. Senses.

## INTRODUÇÃO

A discussão a ser tecida sobre os impactos das cosmovisões na educação possibilita a construção de argumentos, que fundamentam a presença de múltiplas formas de olhar a realidade. Essas formas revelam o modo como os sujeitos significam e ressignificam a vida em suas diferentes dimensões e facetas.

Os significados gerados são aqueles que constituirão a identidade de um povo e, sob um aspecto mais abrangente, o jeito de ser e existir de uma geração. E essa geração tanto pode perpetuar, superar e recriar modos de compreender a realidade em suas múltiplas dimensões e sentidos.

Isto implica dizer que a identidade enquanto construção social revela os sentidos dados à vida e como esta se expressa por meio de linguagens. Uma dessas linguagens se legitima por meio da educação, sendo uma ferramenta eficiente neste processo de formação de mentalidades.

A educação, então, não pode ser considerada como uma ação desprovida de intencionalidade e razão de ser, antes sua função social é ideológica, pois se assenta na perspectiva de uma cosmovisão que lhe dá representação, forma, estrutura e dimensão.

Uma cosmovisão carrega no seu interior conceitos que lhe são próprios e que

permitem não apenas a leitura ingênua de uma realidade, mas a conformação desta à luz da interpretação dada pelo modo como essa leitura vai sendo gerada, construída e legitimada.

Neste processo de construção de leitura ou leituras ocorre a presença de um campo discursivo munido de sentidos que são interiorizados no seio de uma cultura, sendo essa porta-voz das visões que sustentam os jeitos de ser, fazer, dizer e agir de homens e mulheres influenciados e alcançados por essa prática discursiva.

A cosmovisão, sob este enfoque da cultura, pode ser compreendida no âmbito do discurso, uma vez que se apropria de códigos que vão sendo significados nas relações sociais. Dentro delas pode-se destacar aquela voltada à educação cuja finalidade é a formação humana.

Assim, não se pode distanciar a cosmovisão da formação humana, à medida que lhe dá contornos e finalidade educativa cuja instrumentalidade torna-se o ponto de toque da sua ação e de seu sentido no interior de uma dada cultura.

Diante disso, surge a grande questão a ser problematizada: O que se define como uma cosmovisão? A resposta a isso levanta outras reflexões: Como identificar a presença de uma cosmovisão no âmbito da formação humana? E ainda, a identificação de uma cosmovisão possibilita compreender os sentidos construídos no contexto das práticas discursivas da educação? Como elas afirmam ou negam as visões que são construídas no âmbito cultural?

Este tema é, por demais, inquietante e sabe-se de certo que nem todas as reflexões encontrarão respostas pontuais e definitivas, o que revela que a intenção não é restritiva, mas um começo necessário para pensar sobre a ação e o alcance dado às cosmovisões. Desconsiderar isso é um passo para a imobilização e acomodação, que não cabe a educadores que de fato pensam e fazem da educação um instrumento de transformação social e ideológica.

Este é o caminho inicial a ser perseguido neste ensaio e, por que não dizer, uma tentativa ousada de adentrar neste campo rico de sentidos e interpretações, cuja finalidade é contribuir com a pesquisa e produção nesta área do conhecimento.

## I. E POR FALAR EM COSMOVISÕES

Antes de abordar sobre os impactos das cosmovisões na educação é preciso que se apresente o conceito ou os conceitos que são atribuídos à cosmovisão. Vale ressaltar que o próprio conceito ou conceitos construídos não assumem a visão plural, antes são definidos na sua forma singular, tanto é que não se fala de cosmovisões e sim

de cosmovisão. Isso indica que o conceito parte de uma visão geral que pode ser estendida a qualquer visão de mundo assumida por uma dada cultura.

A cultura humana, longe de ser a arte da adaptação, é a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os grilhões da adaptação como obstáculo fundamental à plena revelação da criatividade humana. A cultura, sinônimo da existência especificamente humana, é um audacioso movimento a fim de que o ser humano se liberte da necessidade e conquiste a liberdade para criar [...]. A cultura constitui a experiência humana no sentido de sempre enfatizar a discordância entre o ideal e o real, de tornar a realidade significativa ao expor seus limites e imperfeições, de misturar e fundir, de maneira invariável, conhecimento e interesse, ou melhor, a cultura é um modo de práxis humana em que conhecimento e interesse são uma coisa só.<sup>2</sup>

A cosmovisão, portanto, se mostra como uma lente de leitura de significados sobre o cosmos. Essa lente indica e interfere no modo como homens e mulheres observam e concebem a realidade, e que pode ser verificada nas relações sociais mantidas. Ela, ainda, procura dar respostas a quatro questões essenciais da vida: 1) Qual a realidade do universo; 2) O que é o ser humano?; 3) O que acontece após a morte? e 4) Qual a base de moralidade entre seres humanos?

A cosmovisão, portanto, indica uma forma de olhar a realidade e interpretá-la. Essa forma é legitimada no âmbito da cultura, onde recebe significações que são incorporadas aos modos de ser, dizer, sentir e agir de homens e mulheres alcançados por sua ação e prática discursiva.

A prática discursiva, então, é referendada por diferentes meios de viabilização de sentidos, isso porque o discurso não pode ser reduzido à palavra escrita, antes tem uma amplitude que abarca diferentes linguagens e seus códigos. Códigos que não são apenas decodificados, mas situados e significados social e historicamente.

“Daí considerar a linguagem como interação, vista esta na perspectiva em que se define a relação necessária entre homem e realidade natural e social”<sup>3</sup>

Uma cosmovisão pode ser compreendida, também, como uma ação presente nas relações sociais, visto que é no seu interior que ela se mantém, perpetua, altera e ressignifica, a partir de novas leituras que são incorporadas por meio de uma prática educativa.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 296.

<sup>3</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 21.

Entende-se por novas leituras o processo de atribuir sentidos aos textos. Esses textos podem assumir diferentes formas no ato de construção e criação, quer sejam elas de natureza oral, imagética, escrita e simbólica. São as leituras que imprimirão significados e representações a serem vividas no interior das práticas sociais, por isso assumem um lugar de destaque no seio de uma cosmovisão.

Sire define cosmovisão como:

[...] um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou inconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.<sup>4</sup>

Do conceito apresentado por Sire pode-se retirar as seguintes palavras-chaves: compromisso, orientação, pressuposições, constituição básica e fundamento. Essas palavras sinalizam para a existência de duas vertentes associadas ao sujeito cognoscente: a realidade objetiva e subjetiva, uma vez que por ser um compromisso assumido orienta os pressupostos que fundamentam o sentido da vida.

O sentido da vida é algo que toca profundamente o coração, ou seja, não apenas expressa a racionalidade, mas a presença da sensibilidade e da intuição. Não é à toa que um dos meios utilizados para sua transmissão seja a narrativa, ou seja, a utilização do dizer sobre a realidade.

Os dizeres não são como dizemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também, em outros lugares, assim como o que não é dito, e como que poderia ser dito e não foi.<sup>5</sup>

Outro conceito acerca da cosmovisão expressa que:

A cosmovisão está profundamente assentada nos recessos da mente. Cada pessoa e cultura têm uma cosmovisão. Se é inconsciente, foi recebida através da aculturação ou socialização. Se é consciente, a pessoa examinou criticamente suas suposições e consequências. Idealmente, todas as pessoas seriam 'criticamente conscientes' de seus sistemas de crenças.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> SIRE, James W. *Naming the elephant: worldview as a concept*. Downers Grove: Intervariety, 2004. p. 122.

<sup>5</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

<sup>6</sup> MILLER, Darrow L. *Discipulando nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003. p. 35.

No conceito exposto por Miller, a cosmovisão é percebida de uma forma particularizada, o que indica a presença de várias visões dentro de um mesmo limite cultural e social, visto que se cada pessoa é portadora de uma cosmovisão, então não há como falar em uma cosmovisão, mas de uma multiplicidade de cosmovisões. Embora se reconheça que culturalmente sempre existe a possibilidade de uma cosmovisão receber ou ser mais influente sobre as demais.

Outro dado a ser levado em consideração volta-se para os dois modos como uma cosmovisão é incorporada pelos sujeitos: inconsciente ou consciente. No primeiro modo há o efeito ideológico exercido, em que a apropriação é feita de forma involuntária, ou seja, é aceita e praticada sem que se tenha refletido sobre ela. Diferente do segundo modo, em que o sujeito reflete, pondera e escolhe o sistema de crenças que lhe seja mais conveniente e legítimo; e por isso mesmo envolve uma ação pautada num posicionamento crítico de adesão voluntária, o que pressupõe ruptura com um sistema de crenças baseado unicamente na tradição.

Dito isto, já se pode vislumbrar o poder exercido pelas cosmovisões na educação e, conseqüentemente, na formação humana, uma vez que os modos assumidos podem de fato ser expressos no sistema de valores adotados por um determinado grupo social. Esse sistema torna-se a marca identificadora dos processos educativos que serão consolidados no contexto social e histórico.

Assim, ao falar sobre os impactos das cosmovisões na educação é necessário sinalizar sobre a presença efetiva de um sistema de valores e crenças que mantém a cultura viva, pulsante e em movimento, visto ser ela determinante para que haja continuidade ou não de uma sociedade, a qual se perpetuará de geração em geração.

As ideias que são plantadas no povo irão crescer através dos anos e produzir frutos, manifestados em todos aspectos da vida - pessoal, social, político, econômico.<sup>7</sup>

O papel cabível à educação então pode seguir as pulsações das cosmovisões eleitas por uma sociedade. Neste ensaio, a abordagem situará sobre duas delas: a cosmovisão secularista e a cosmovisão teísta, como proposta de apontar as principais características que marcam o sistema de valores e crenças eleitos.

Este é o desafio a ser perseguido no desenvolvimento do item a seguir e que com certeza lançará os primeiros lampejos sobre o lugar dado à educação voltada à formação humana.

<sup>7</sup> MCDOWELL, Sthepen; BELILES, Mark. *Libertando as nações: princípios bíblicos de governo, educação, economia e política*. MG: Transformação Brasil, 1995. p. 24.

## 2. COSMOVISÕES E SISTEMAS DE CRENÇAS E VALORES

As cosmovisões, enquanto um sistema de crenças e valores, assumem especificidades próprias em relação ao sentido da vida, tanto é assim que a forma como os participantes de uma sociedade compreendem a realidade tornam-se marcas identitárias do seu jeito de ser. São essas marcas que auxiliam na identificação de diferentes culturas e mentalidades.

A identificação das culturas torna-se alvo de pesquisas, à medida que se tenta compreender como elas organizam a realidade natural e social, no que tange a sua estrutura e ao seu funcionamento voltados à permanência de um sistema basilar que as sustenta e conforma.

Não é por acaso que as cosmovisões recebem terminologias que lhe dão vida e sentido, uma vez que determinado ou identificado o seu núcleo gerador torna-se mais fácil compreender o sistema que as mantém vivas na realidade social. Uma das terminologias usadas é a concepção secularista.

Uma cosmovisão secularista se impõe pela individuação, ou seja, o homem é o núcleo e toda a sociedade se organiza para satisfazer suas vontades. Isso se torna mais notório quando os meios midiáticos oferecem serviços e tecem suas propagandas em cima da marca felicidade - afinal o que importa é ser feliz - sendo esta encontrada nos bens a serem consumidos pelos indivíduos. Ser feliz se reduz ao ter, acima de todas as coisas.

A felicidade é produto e se é produto há a redução de um outro (pessoa) também a produto, pois este outro pode ser o meio para que o indivíduo possa ter acesso à felicidade. Isto aponta para outra característica da cosmovisão secularista: o egoísmo narcisístico desenfreado, que permite em nome de uma ética relativizada agir em nome da satisfação pessoal.

A cosmovisão secularista assenta suas bases numa razão fria e calculista, não há espaço para ação e intervenção de um Deus pessoal na história e na vida dos homens e tampouco da sociedade. A figura de Deus vai tornando-se cada vez mais distante e ausente da vida dos homens.

Os secularistas afirmam que a verdade é empírica, a verdade é o que os sentidos podem perceber e que a moral é relativa. Os valores emergem do consenso social [...] O clamor do secularista poderia ser: Tudo é Deus!<sup>8</sup>

Defende, ainda, a cosmovisão secularista o valor da ciência, tornando-se esta a

<sup>8</sup> MILLER, 2003, p. 38.

resposta para todos os desafios a serem enfrentados pela sociedade. Se a ciência não encontra a saída, então não há como ter esperança. Por que sonhar?

Assim, a prática educativa pautada na cosmovisão secularista volta-se para desenvolver as potencialidades do ser humano, além é claro de prepará-lo para uma convivência sustentada no ser politicamente correto. A ética funda-se não em valores universais e absolutos, mas no pluralismo, que se baseia na aceitação tolerante do diferente, o que não implica uma aceitação amorosa do outro, pois não há espaço para escuta e nem mesmo diálogo.

Outro fator de destaque é que o processo de formação humana se firma ainda na visão do sucesso. Ser bom implica apresentar competência nas diversas situações de aprendizagem, pois o que importa de fato é mostrar-se competitivo e pronto para conquistar seu espaço, que numa linguagem figurativa é conhecida por “ter um lugar ao sol”, mesmo que para isso seja preciso derrubar o oponente ou o concorrente.

Interessante que mesmo com a adoção da cosmovisão secularista na formação humana, o processo de exclusão ainda está presente no contexto social, assim como os índices de miserabilidade e pobreza, o que indica que existe algo no próprio sistema de valores e crenças adotado que não preenche as lacunas existenciais do sentido de ser humano.

A cosmovisão teísta se apresenta em contraposição à cosmovisão secularista, principalmente no que concerne ao núcleo gerador. Na cosmovisão teísta, o centro é governado por Deus, que estabelece princípios eternos e éticos sobre o sentido da vida.

Miller afirma que a cosmovisão teísta “permite a comunicação e interação entre o espaço físico e espiritual. Deus se revelou de modo especial - primeiro através da Palavra escrita, e através da Palavra viva, Jesus Cristo”.<sup>9</sup>

Neste processo de revelação há diretrizes bem estabelecidas, as quais devem ser observadas por aqueles que aceitam este sistema de valores e crenças. Essas diretrizes são fundadas em princípios eternos, os quais fazem a diferença nas relações a serem mantidas entre o ser humano, a realidade social e natural e o Criador.

O processo educacional firmado na cosmovisão teísta assume que todo o ser humano é dotado da imagem e semelhança do Criador com uma missão específica: cuidar da criação. Este cuidado revela que a existência de todo o ser humano tem um propósito e que o mesmo é revestido de sentido a ser manifesto na vida.

<sup>9</sup> MILLER, 2003, p. 43.

Ainda no ato educacional é preciso compreender que a base que sustenta a vida reside em dois princípios básicos: amar a Deus e ao próximo como a ti mesmo. Esses princípios sintetizam a ética teísta e mostram que o sentido maior da vida do ser humano se completa na união das duas dimensões: espiritual e física.

A prática educativa volta-se, então, para trabalhar com a racionalidade e a fé, considerando-as como peças integrantes de um mesmo processo constitutivo do sentido de ser humano. Assim, há espaço para a construção do pensamento, o que remete à utilização do ato reflexivo, criador e crítico.

Diferente do que a sociedade acredita e fomenta, a cosmovisão teísta não é aceita de maneira ingênua e nem mesmo neutra, antes o processo de adesão requer do sujeito análise e reflexão, que muitas vezes entram em conflito com o próprio sistema de valores instituídos e legitimados na realidade social.

Triste é verificar que esta cosmovisão não se configura como a principal da sociedade, antes se percebe pontos isolados de sua ação e que muitas vezes são rejeitados pela cultura e pela grande maioria de membros pertencentes a ela, o que põe em xeque a questão do aceitar o diferente. Será que de fato isto ocorre na realidade?

De fato, a cosmovisão impacta a forma como a sociedade tece as leituras sobre a vida e as significa e isso de fato pode se configurar numa questão de escolha, ou seja, como essa mesma sociedade determina seu sistema de crenças e valores e como este é incorporado pelas gerações, o que deveria assegurar à educação um papel de destaque.

A formação humana implica um ato educativo e como tal é preciso fomentar a reflexão, capaz de provocar o desejo do pensar livre e responsável, que traga de volta o sentido de missão a ser expresso na vida.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

As cosmovisões imprimem um jeito de ser à sociedade. Esse jeito torna-se elemento constitutivo de uma cultura, ou seja, sua marca identitária. Essa marca legitima o sistema de valores e crenças dando-lhe significação.

Neste entendimento, o sistema de valores e crenças permeia o processo de formação humana, dando-lhe subsídios e instrumentalidade por meio da educação. A educação se afirma, então, como uma prática discursiva, em que as diferentes linguagens expressam os jeitos de ser de uma sociedade específica.

É preciso, ainda, entender que uma cosmovisão não surge desprovida de neutralidade, antes sua intenção e finalidade são bem delineadas, pois ela de fato

norteará o futuro das gerações, no que diz respeito ao seu modo de vida e de governo a ser adotado.

Assim, discutir sobre o impacto das cosmovisões na educação não é uma tarefa simples e imparcial, antes requer postura do educador quando compreende os sentidos dados à vida e como estes mesmos sentidos são providos de significação quer seja para manter, reler ou romper com o sistema de valores e crenças.

A formação humana continua sendo o alvo principal da educação, por isso não se pode desconsiderar este processo, antes se faz necessário compreender seu alcance e a forma como este se materializa e se legitima na realidade social.

Afinal, o que de fato interessa a formação humana pautada em princípios ou em tolerância? Sobre estas duas perspectivas apresentadas é que a educação desenvolverá sua proposta educativa. Essa proposta também envolve escolhas. Qual será a sua?

Por fim, é preciso ressaltar que a finalidade demarcada neste ensaio tem natureza introdutória sobre a temática cosmovisões, o que demanda novos aprofundamentos e pesquisas, o que de fato enriquecerá este campo de investigação e trará novas contribuições a esta área do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MCDOWELL, Stephen; BELILES, Mark. *Libertando as nações: princípios bíblicos de governo, educação, economia e política*. MG: Transformação Brasil, 1995.

MILLER, Darrow L. *Disciplinando nações: o poder da verdade para transformar culturas*. Curitiba: Fato é, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro da. *Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias*,

dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2003.

SIRE, James W. **Naming the elephant**: worldview as a concept. Downers Grove: Intervariety, 2004.